

Segunda visita aos indígenas do rio Trombetas*

Gottfried Polykrates

POLYKRATES, G. Segunda visita aos indígenas do rio Trombetas. R. Museu Arq. Etn. 37: 57-60, 2021.

Resumo: Em nova visita aos índios Katxuyana, então nomeados Kashuiéna, desta vez em aldeia às margens do rio Trombetas, Polykrates busca investigar um aspecto em particular do final da festa do Kuringuri, que consiste no banho coletivo que os convidados recebem com harujukúru (líquido feito à base de água e banana espremida). Busca então, em uma narrativa mítica sobre Puetáretpo que colheu durante essa visita, alguma explicação para o significado da prática. Para além disso, tece hipóteses sobre as origens migratórias do grupo, supondo que tenham sido habitantes das margens do Amazonas, e menciona como possíveis ancestrais os seguintes nomes de povos: Orámiena, Tohiéna, Pauxys e Waríkiana.

Palavras-chave: Mitologia; Rio Trombetas; Festa do Kuringuri; Katxuyana.

Em 1957, na edição 3-4 da *Ethnos*¹, publiquei um pequeno relato sobre uma visita aos índios Kashuiéna e tentei apresentar um esboço de sua cultura material, religião e vida social.

No verão de 1958, tive a oportunidade de visitar novamente os índios Kashuiéna às margens do rio Trombetas, um afluente que deságua no rio Cachorro². Particpei da segunda expedição dinamarquesa às Guianas, na qual acompanhei o senhor Jens Yde, diretor do Museu Nacional em Copenhague, durante a travessia da Guiana Britânica, do estado do Pará e pelo rio Amazonas abaixo.

1 O texto integra este dossiê (N.E).

2 Consta na hidrografia brasileira, que o Rio Cachorro é um afluente, que deságua no curso médio do rio Trombetas, ao noroeste do estado do Pará e não o inverso, como apresentado pelo autor do texto (N.T).

* Tradutor não identificado. Revisão da tradução por Susana Kampft Lages.

Essa visita possibilitou novas observações que poderiam esclarecer, entre outras coisas, a singular festa religiosa que representa o final do Kuringuri³. Tal celebração não apresenta manifestações em nenhuma outra tribo indígena da América do Sul. Durante a cerimônia, os participantes são ungidos com *harujukúru*, uma substância feita de água e banana espremida.

Todo meu interesse concentrou-se em encontrar na mitologia dos Kashuiéna uma explicação para este momento da cerimônia. Eu tive então a sorte de ouvir a seguinte história contada por um pajé:

“Nossos pais contam e os seus pais já contavam que há muitos e muitos anos nasceu uma menina na tribo, que tinha a boca no canto do rosto (neste momento ele indica o lado direito de sua face). Ela recebeu o nome de *Puetáretpo*.

3 Unção com suco de banana (N.A).

Como era do desejo de Purá⁴ que tal criança nascesse, a tribo recebeu-a com amor. Com o passar dos anos, a criança cresceu e provou-se muito inteligente. Ela ajudava a todos na tribo que necessitassem de ajuda.

Nessa época a fome grassava na tribo, pois o rio raramente tinha peixes e faltavam animais na floresta. Eles ainda não conheciam a agricultura e as frutas da floresta não eram suficientes para alimentar todos.

Os anciões da tribo se reuniram e resolveram abandonar seu território para ir em direção ao rio e encontrar outro local, no qual eles esperavam ter mais sorte.

O caminho era, no entanto, difícil e repleto de perigos. Eles rezaram para Purá, pediram proteção e seguiram rio adiante.

Como naquele tempo não havia grandes canoas (havia, segundo ele, apenas pequenas canoas feitas com casca de árvore), eles se puseram a caminhar ao longo da margem do rio. Ainda não haviam chegado muito longe quando surgiu o primeiro obstáculo em seu caminho a exigir um sacrifício. Na encosta de uma montanha que eles precisavam atravessar, vivia um animal chamado *juhutpóimo*, constituído apenas por uma cabeça gigantesca, que era parecida com a humana. Essa cabeça rolava encosta abaixo e acima numa velocidade constante, devorando tudo o que fosse vivo e cruzasse seu caminho.

O sol já havia se posto e apenas poucos Kashuíénas conseguiram chegar ao outro lado. No entanto, como também era perigoso para a tribo ficar separada devido aos animais selvagens, aqueles que ainda estavam para trás tentavam chegar ao outro lado apesar da escuridão, quando eles achavam que o *juhutpóimo* já tivesse passado por ali e estivesse novamente subindo a encosta. No entanto, como estava escuro, eles se confundiram e acabaram sendo devorados pelo *juhutpóimo*.

Puetáretpo, a menina esperta, sabia de uma solução. Ela entrou na floresta e voltou com o vagalume gigante *Moreojúimo*, que iluminou toda a encosta da montanha. Assim,

os Kashuíénas puderam ver os movimentos de *juhutpóimo* e, um por um, atravessaram a encosta enquanto o *juhutpóimo* rastejava para cima.

No dia seguinte, a caminhada seguiu através da floresta, que era tão densa como um muro, de forma que só era possível caminhar por uma trilha muito estreita.

De repente, o índio que caminhava na frente do grupo caiu morto. Sua cabeça estava destroçada. Os Kashuíénas ficaram paralisados em seus lugares e viram imediatamente um bugio imenso, chamado *Turímo*, sentado sobre a trilha entre os galhos de uma árvore imensa. Toda vez que ele percebia algum movimento na trilha, deixava seus excrementos, que eram duros como pedras e enormes, caírem do alto da árvore. Homens ou animais que eram atingidos por seus excrementos morriam no mesmo instante.

Os sábios da tribo se reuniram novamente para se aconselharem, mas não sabiam como se ajudar.

Mais uma vez, *Puetáretpo* os salvou da situação bastante complicada. Ela organizou todos os índios em uma fila, todos muito próximos uns aos outros, de maneira que as pessoas parecessem uma cobra gigante, se vistas de cima. Dessa forma, eles continuaram a caminhar pela trilha. *Turímo* liberou seus excrementos apenas uma vez, já que ele acreditou que a fila humana era constituída de um único animal. Assim, os Kashuíénas conseguiram passar por aquele trecho com somente mais um sacrifício. Felizes e contentes com a inteligência de *Puetáretpo*, os índios seguiram adiante em sua caminhada, esquecendo-se da fome.

Mas outros perigos ainda estavam à espreita. Em uma curva da trilha, os índios se viram apavorados diante de mais um enigmático obstáculo. A trilha fora bloqueada por duas rochas gigantes⁵ que se moviam uma em direção à outra e exigiam uma vítima. Aquele que tentasse passar entre elas seria esmagado até a morte.

4 O mais significativo demiurgo dos Kashuíénas (N.A).

5 Nenhum dos curandeiros conseguiu se lembrar do nome das pedras (N.A).

Os mais velhos da tribo se reuniram mais uma vez para encontrar uma solução, mas novamente em vão. Eles aconselharam-se com *Puetáretpo*. A menininha esforçou-se, mas dessa vez nem ela conseguiu chegar a uma solução.

Todos os índios podiam ver, do outro lado das pedras, como os animais pastavam na grama e como os peixes pulavam no rio. Lá adiante estava a salvação para o Kashuíenas famintos e exaustos.

Puetáretpo dirigiu-se desesperada até a floresta e suplicou a Purá que ele salvasse sua tribo. Ao ver aquela menina de coração puro, sempre disposta a ajudar, suplicante e aos prantos, Purá deu provas de sua bondade. Ele deu a ela *pajá*, também conhecido como *kuráí*⁶, para beber e ungiu-a com *harujukúru*.

Dessa maneira, ela foi agraciada com a força para segurar as pedras até que todos os Kashuíenas tivessem chegado sãos e salvos do outro lado.

Puetáretpo também recebeu mudas de mandioca, banana e cana com a incumbência de beber *pajá* e ungiu-se com *harujukúru* toda vez que a colheita fosse boa, em memória e pela honra de Purá.

“Se vocês fizerem isso, vocês também serão poupados de doenças”, disse Purá a *Puetáretpo*.

“Desde então”, disse por fim o curandeiro contador da história, “os Kashuíena sempre estiveram bem”.

Na mesma ocasião, eu soube por meio do curandeiro que os índios Kashuíenas devem – levando-se em consideração suas tradições – descender dos índios Orámiena, que “há muitos e muitos anos”, como dizia o curandeiro, viveram às margens do rio Amazonas. Os Orámiena devem descender dos índios Tohiéna, também moradores dos arredores do Amazonas.

Não me foi possível encontrar os nomes acima citados na literatura. Todavia, pretendo considerar como dado que os Kashuíena viveram outrora às margens do rio Amazonas e que foram desalojados devido à construção do Forte português (no local do atual

município de Óbidos/PA), deslocando-se rio acima, em direção ao rio Trombetas e seus afluentes.

Essa teoria se justifica por meio da mitologia dos Kashuíenas, uma vez que, por um lado, o Amazonas é mencionado em suas lendas e, por outro, elas acontecem em um tempo no qual os Kashuíenas ainda não conheciam a agricultura. Não havia campos cultivados, vivia-se da caça, da pesca e da coleta de alimentos comestíveis na floresta.

Eu suponho que a lenda aqui reproduzida tenha se passado em tempos mais recentes, ou talvez tenha sido complementada, pois banana e cana são mencionadas. Ambas chegaram ao conhecimento dos índios depois da colonização brasileira, ou seja, pelo menos no século XVI.

Como também se faz menção à mandioca (acredito que é referida aqui a mandioca doce), os Kashuíenas devem provavelmente ter recebido essas plantas dos Tupis, que, pouco antes da construção do Forte no atual município de Óbidos, migraram para essa região.

Gastão Cruls (A Amazônia que eu vi. Serie 5, Brasileira Voll. 113/1954)⁷ registra que os Kashuíenas teriam contado ao senhor Barbosa que eles seriam descendentes da antiga tribo que vivera até o século XVII no Baixo Trombetas, a dos Pauxys, cujo nome foi atribuído ao Forte localizado na atual Óbidos. Assim, é possível que os nomes Orámiena e Tohiéna fossem denominações locais de pequenos grupos dos Pauxys.

Além disso, P. Frikel (Anthropos 52/1957) escreve que o nome *Waríki-ana* significa nada mais que “homem”, “povo” ou “habitante” (*Yéna*) do Amazonas (*Arikuru*). Embora eu saiba por meio dos Kashuíenas que seu nome é *Uaríkiana* (derivado de *Uaríki* – pequeno peixe da família *Locriida*), essa concepção de Frikel é uma teoria que corrobora a suposição de que os Kashuíena eram habitantes do Amazonas.

6 Bebida preparada com mandioca e caldo de cana (N.A).

7 Nota das organizadoras: no original em alemão, o autor não acrescentou referências.

POLYKRATES, G. Second visit to the people of the Trombetas river. *R. Museu Arq. Etn.* 37: 57-60, 2021.

Abstract: During a new visit to the Katxuyana people, then called Kashuíena, this time in a village on the Trombetas riverbanks, Polykrates seeks to investigate a particular aspect of the end of the Kurínguri festival – a collective bath received by the guests with *harujukúru* (water and squeezed banana). Through a mythical narrative on Puetáretpo collected during this visit, the author seeks some explanation for the meaning of this practice. He also hypothesizes about their migratory origins, assuming that they were inhabitants of the Amazon riverbanks and mentioning the Orámiena, Tohiéna, Pauxys, and Waríkiana people as possible ancestors.

Keywords: Mythology; Trombetas river; Kurunguri festival; Katxuyana.